

CORPO DO HORROR? POR UM CORPO ALÉM DE SUA DEFICIÊNCIA*

Sára Maria Pinheiro Peixoto

sarinha27@gmail.com

Ana Aparecida Tavares da Silveira

anatalats@gmail.com

Fabyana Soares de Oliveira

fabyanaoliv@yahoo.com.br

Maria Aparecida Dias

cidaufnr@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado que objetiva ampliar a compreensão de corpo como lugar de aprendizagem para além de sua deficiência. Ancorados nos fundamentos epistemológicos de Merleau-Ponty, tendo como metodologia a pesquisa-ação colaborativa, procuramos falar de um corpo que é muito mais que essa matéria física e biológica visível aos olhos, mas todas as experiências vividas de sentido e significado que passam por ele, inclusive a aprendizagem de crianças com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE

corpo; deficiência; aprendizagem

INTRODUÇÃO

Explorando a história da educação, sabemos que grandes são os desafios postos à docência, entre eles, a inclusão de crianças com deficiência nas salas de aulas regulares. Professores ainda não se consideram preparados para lidar com as exigências de um trabalho inclusivo, assim, essa constatação nos mostra a necessidade de se discutir e promover reflexões constantes em busca de experiências e aportes teóricos que possam ser aludidas na formação continuada dos professores e materializadas em suas práticas docentes.

* O presente texto não contou com o apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.



Sabemos que precisamos avançar na construção da ideia de equidade, oferecendo a todas nossas crianças uma educação de qualidade, e mais do que promover o acesso e a permanência, precisamos garantir o seu desenvolvimento social, biológico, afetivo, histórico, cultural contribuindo em suas aprendizagens.

A cada ano, crianças com deficiência matriculam-se na rede regular e com elas a necessidade de estar discutindo e de conhecer suas especificidades. A partir de experiências profissionais, enquanto Coordenadora Pedagógica, de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), da cidade do Natal/RN, nasceu a pesquisa de mestrado intitulada “O Corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil”.

Sabemos da dificuldade que o professor tem em trabalhar com a corporeidade da criança com deficiência, por compreender esse corpo ainda sob seu aspecto físico e biológico, na qual a deficiência vem a frente do sujeito, caracterizando-o como um corpo submisso e frágil. Assim, elaboramos uma proposta de intervenção, organizada em 08 oficinas temáticas, na busca de (re) construir conceitos prontos e estanques acerca de estigma, inclusão, corpo e deficiência.

Frente ao exposto este artigo, objetiva apresentar o recorte de uma das oficinas realizadas na intervenção, intitulada como “Um corpo de horror?”, onde discutimos um pouco da trajetória da pessoa com deficiência desde antiguidade, a espetacularização dos corpos, para refletirmos sobre as diversas discriminações sofridas ao longo da história e o estigma social que tem acompanhado a pessoa com deficiência.

O CORPO FRENTE AS FACES DA INCLUSÃO

Adentrando nesse campo empírico, precisávamos mostrar aos professores que o corpo era mais que essa unidade física e visível aos olhos. Mas, então que corpo é esse?

Partindo do ponto de vista da biologia, corpo **é** um organismo vivo, formado por células, que compõem tecidos, órgãos e sistemas. Na ótica da Física, corpo é uma matéria que ocupa lugar no espaço. Para a Filosofia, corpo é todo o ser que constitui o indivíduo. Assim, conversaremos ao longo deste diálogo de um corpo que exorbita a dimensão biológica e a física. Para Goellner (2007) temos,

[...] um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos. GOELLNER, 2007, p.29).

Para colaborar nesse diálogo, temos Merleau-Ponty² (1999), com a epistemologia teórica que nos fala que corpo é o resultado das interações entre o biológico e o cultural, o vivido e o sentido. São todas as nossas experiências de sentido e significado que nos constitui como sujeito no mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

O autor reflete sobre um corpo cheio de sentidos e significados, considerando todas as experiências vividas. Assim, os professores precisavam materializar em suas práticas, novos olhares para a criança com deficiência, que por vezes, a veem como um corpo organismo.

Merleau-Ponty nos mostra que o professor precisa sensibilizar sua prática pedagógica retratando a concepção de que temos que abrir espaço para o sentir, para o viver, para o afeto e as emoções que nos fazem nessa relação com o mundo, com o outro, que são essenciais na nossa constituição enquanto sujeito. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Na Educação Infantil, apontamos que o corpo da criança precisa ganhar centralidade, tenha ela deficiência ou não, daí a necessidade de promover com nossas crianças diversas experiências corporais. As instituições escolares precisam oportunizar situações ricas permeadas de ludicidade, de interação entre



² Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi um filósofo e fenomenólogo francês que teve como ponto de partida o estudo da percepção, reconhecendo que o corpo não é objeto, mas uma condição permanente da experiência com o meio em que vive.



os seus pares, vivenciando o corpo, enquanto gesto, percepção, movimento, linguagem, som. Implica também entendermos que para a criança conhecer o mundo é preciso afeto, prazer, desprazer, fantasia, brincar com seu corpo. (KUHLMANN JR, 2003).

METODOLOGIA

Para a realização da proposta de intervenção, através de uma pesquisa qualitativa (OLIVEIRA, 2016), assumimos como procedimentos metodológicos a pesquisa-ação colaborativa, fundamentada em Ibiapina (2008), compreendendo-a como procedimento substancial na sua efetivação e para a realização de oficinas pedagógicas, presumindo a reflexão das práticas para a transformação das mesmas.

Nessa pesquisa, procuramos desenvolver uma atitude crítica e reflexiva sobre a própria prática, permitindo o diálogo e a troca de experiências, baseados na ação-reflexão do fazer docente, tendo o corpo da criança com deficiência o centro de nossa investigação através da realização de oficinas pedagógicas.

A oficina intitulada "Um corpo do Horror", foi a nossa 2ª oficina realizada durante a intervenção. Esta, proporcionou experiências corporais para que esses corpos fossem se descobrindo, conhecendo a si e a o outro. A oficina foi desenvolvida em 2018, com 15 docentes da Educação Infantil. Esteve estruturada da seguinte forma: a) 1ª vivência corporal: que corpo eu sou?; b) roda de conversa; c) exposição dialogada; d) curta metragem "Circo de horrores"; e) 2ª vivência corporal: do corpo vivido ao corpo representado; e) avaliação.

Apesar de ser nossa 2ª oficina de intervenção, esse momento formativo começa a ganhar voz e movimento, pois nossos sujeitos já sinalizavam a importância dessa temática. Trabalhar com a pesquisa-ação colaborativa, foi promover inquietações sobre as práticas docentes, como também a troca de saberes entre os sujeitos e que essas reflexões pudessem ser reverberadas em suas ações docentes.

RESULTADOS

No decorrer da oficina, várias situações foram problematizadas e mediadas pela pesquisadora para atingirmos nossos objetivos. Destacamos a 1ª vivência, que já na roda de conversa mostra as relações sobre o que eles sabiam com o que vivenciaram. A vivência corporal nos mostrou que os professores têm medo de se tocar e de tocar o outro e como falar de corpo se você não vive esse corpo?

As discussões foram ricas, despontando já reflexões para além dos corpos físicos e estigmatizados. Resgatamos um pouco da história das pessoas com deficiência e como elas foram percebidas, destacando os olhares negativos e pejorativos, sentimentos de medo e de hostilidade. Outra temática a florava na oficina, o corpo do horror. Assistimos um curta intitulado "Circo de Horrores", que efervesceu nossa roda de conversa.

A discussão pautava-se diante de um corpo estigmatizado, despojado de dignidade, sem o direito de ir e de vir, de poder participar de qualquer grupo social e espaço, um corpo visto e compreendido no discurso da monstruosidade.

Foram cenas impactantes [...] O silêncio pairava no ar [...] Os sujeitos entreolhavam entre si, olhares assustados, alguns sobressaltados com as cenas apresentadas como se eles não acreditassem que isso aconteceu, foi quando precisamos interromper esse silêncio provocando novas inquietações [...]

PROFESSORA AZUL-CLARO: As imagens apresentadas, eu acho que até hoje nos deparamos com esse sentimento de "horrores", nunca estamos preparados [...] Não temos o conhecimento sobre as síndromes e aí quando nos deparamos em sala de aula com uma criança com alguma deficiência, você se sente neste estado de "horror", pois você não sabe o que fazer[...] Não temos conhecimento, ficamos insegura, várias coisas passam a minha cabeça, esse horror se estende a mim como professora também, vivenciamos isso junto com eles, só que de formas diferentes. (PEIXOTO, p.112, 2019).



O excerto mostra que embora essas exposições tenham sido extintas, ainda percebemos situações como essas no dia-a-dia, sentimentos de estranhamentos ao convívio social. Assim, promovemos discussões que foram além de nossos olhos e corpos físicos, que avançaram nos olhares estereotipados que ainda existem sobre as crianças com deficiência, visto como um corpo submisso e incapaz.

Gaio (2006) afirma que somos corpos que precisam ser vistos, precisam ser sentidos, corpos que precisam ser tocados, muitas vezes não há espaço para a pessoa com deficiência nessa ótica, uma vez que há uma lógica estigmatizada que perfila a sociedade e para romper esse tipo de barreira, precisamos assumir a realidade dos corpos que além de serem vistos, são corpos que sentem e tocam, assim, são corpos que também aprendem.

A oficina mostrou que apesar desse processo discriminatório ser bem primitivo, ainda acontece nos dias atuais e que é preciso sustentarmos a necessidade de que não podemos enxergar o outro primeiramente pela sua deficiência. Antes da deficiência, há um sujeito que apesar de sua limitação, é um sujeito que sente, constrói, faz trocas, tem histórias, produz cultura, tem uma vida permeada de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o corpo é indispensável para a aprendizagem e o que vemos muitas vezes é o corpo fora dessa ação. A oficina mostrou a importância de dar espaço para esse corpo na escola, sob o enfoque que o corpo é tudo aquilo que se vive.

Se fez preciso ampliarmos nossos olhares e escutas, ir em busca de nossa formação continuada para darmos conta do desconhecido. Não podemos enxergar o corpo apenas nessa descrição perceptiva do sistema funcional, mas compreender que esse corpo que antes de ser físico e visível é um corpo que sente, tem desejos, prazer, simbologia, história, afeto, emoções e descobertas.

Foi uma oficina bastante válida, provocamos inquietações, trouxemos reflexões questionamentos pertinentes à formação crítica de nossos sujeitos, o que é essencial na pesquisa-ação colaborativa.

BODY OF HORROR? FOR A BODY BEYOND HIS DEFICIENCY

ABSTRACT

We present a clipping of a master's research that aims to broaden the understanding of body as a place of learning beyond its deficiency. Anchored in the epistemological foundations of Merleau-Ponty, using collaborative action research as a methodology, we try to speak of a body that is much more than that physical and biological matter visible to the eyes, but all lived experiences of meaning and meaning that pass through it, including the learning of children with disabilities.

KEYWORDS: *body; deficiency; learning.*

¿CUERPO DEL HORROR? POR UN CUERPO QUE ESTÁ MÁS ALLÁ DE LA DEFICIENCIA

RESUMEN

Presentamos un recorte de una investigación de maestría que pretende ampliar la comprensión del cuerpo como lugar de aprendizaje, allá de su deficiencia. Esta se basa en los fundamentos epistemológicos de Merleau-Ponty, que tiene como metodología la investigación-acción colaborativa, y nos habla de un cuerpo que es mucho más que esa materia física y biológica visible a los ojos. Aunque todas las experiencias vividas de sentido y significado que pasan por este involucran el aprendizaje de niños con discapacidad.

PALABRAS CLAVES: *cuerpo; discapacidad; el aprendizaje.*



REFERÊNCIAS

- GAIO, R. *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. São Paulo: Fontoura, 2006.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.17-51.
- IBIAPINA, I. M. L. M. *Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber, 2008.
- KUHLMANN, J.M. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Org). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 4. Ed. Campinas: Autores Associados, 2003, p. 51-65.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, M. M. de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- PEIXOTO, S.M.P. *O corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil*. 2019. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, UFRN, Natal, 2019.

